

FERNANDO PEDREIRA *

“Governar os italianos”, afirmou certa vez Benito Mussolini, “não é difícil. Mas é inútil”. Segunda-feira última, o presidente Fernando Henrique Cardoso surpreendeu um repórter italiano, que o entrevistava, com uma resposta parecida: “Governar o Brasil é fácil”, disse ele. “Eu mesmo me admirei com a facilidade com que conseguimos aprovar em poucos meses, no Congresso, uma série de reformas essenciais.”

É fácil — e não parece inútil. O presidente mostrou como o seu Plano Real aumentou consideravelmente a capacidade aquisitiva dos salários do povo. A distribuição de renda, que era desastrosa e miserável, melhorou um bolão, embora esteja ainda longe dos padrões civilizados. Cerca de 15 bilhões de reais passaram do bolso dos ricos (e do governo) para o dos pobres, onde relativa estabilidade da moeda protege a remuneração do trabalho, impede que o dinheiro derreta como sorvete na mão do trabalhador.

Os preços da cesta básica mantêm-se firmes, lembrou o presidente. Quando é que um quilo de frango, nesta terra, custou 86 centavos? As pessoas se alimentam melhor, vivem melhor. O salário mínimo subiu 43 por cento *reais*. Mas tudo isso não quer dizer que o Brasil, como no milagre bíblico da multiplicação dos pães, tenha deixado da noite para o dia de ser um país injusto.

O presidente insiste na definição e no diagnóstico. O Brasil não é um país subdesenvolvido: é um país injusto, marcado por uma enorme e inaceitável desigualdade de rendas. Pode-se dizer que convivem hoje, no Brasil, três civilizações diferentes: a da enxada, a

do trator e a do computador. Isso produz profundas desigualdades sociais. Combatê-las é o objetivo-síntese do governo. “E se isso nos levar ao Primeiro Mundo”, conclui o presidente, “tanto melhor”.

Ainda não estamos, pois, no melhor dos mundos possíveis, mas, quando menos, o país retomou o passo certo: A presença, no Executivo, de um homem sério e capaz — eleito por enorme maioria e que tem hoje o reconhecimento e o apoio da massa do povo — promoveu o milagre do reencontro e da recuperação (por quanto tempo, ainda?) das nossas carcomidas elites políticas, agora unidas num mesmo projeto patriótico.

Mas, se o país e o povão vão bem — gritam os jornais — a classe média vai mal. Os preços dos serviços e dos bens consumidos pelas camadas intermediárias da população aumentam desmesuradamente. Dentistas, médicos, alfaiates, advogados, donos de restaurantes e de cinemas, a salvo da concorrência externa, metem a faca, a tesoura e o bisturi nos seus infelizes e desprotegidos clientes.

Um alfaiate (por acaso, o *meu* alfaiate) — que há um ano já cobrava em dólar — 300 dólares o feitiço de um terno — cobra hoje em reais: 400 reais, isto é, 450 dólares, 50 por cento de aumento. Por quê? Por nada; simplesmente porque os tolos continuam pagando. O cinema custava R\$ 3,50 no princípio do ano; passou para R\$ 5 em abril, e agora está a R\$ 6. Quase 100 por cento a mais. Os restaurantes, especialmente os mais conhecidos, são um escândalo. Come-se hoje muito melhor e mais barato em Nova York ou Paris do que no Rio ou em S. Paulo. O dólar, lá fora, vale mais do que aqui, no pretensioso restaurante da esquina — que nem por isso paga melhor os seus empregados.

Cria-se assim, no país, uma artificial inflação em dólar. Nos meus tempos de estudante secundário, quando o cinema (ou o bonde) aumentava seus preços, o povo quebrava o cinema. Aconteceu duas ou três vezes, até que o governo resolveu proibir os aumentos. Essa solução pouco civilizada do quebra-quebra e do tabelamento (eram ainda os tempos getulianos) certamente seria imprópria, hoje. Mas não há dúvida de que é preciso uma reação firme dos consumidores diante desses aumentos extemporâneos e abusivos.

Essa é uma briga que na verdade se trava nos próprios intestinos da classe média. Pois, o que são donos de restaurantes e de colégios, médicos, advogados, alfaiates e costureiras senão classe média? É a classe média tungando a si própria, metendo a faca na própria barriga. E, em casos assim, melhor que a repressão e a violência é o boicote educativo, a denúncia, o protesto, o não-consumo ou o adiamento do consumo.

Seria, talvez, o caso de críticos como o Apicius, o Saulo Galvão e o Rodolfo Garcia comandarem uma espécie de boicote seletivo de restaurantes, apontando o grau de ladroagem das diferentes casas. Se você não é seqüestrador, nem traficante, se você não é LCB (ladão de colarinho branco), por que ir a lugares onde a suposta relação preço-qualidade é apenas um disfarce, um cínico disfarce, para o sistemático assalto ao bolso do freguês? No caso dos cinemas, se você ia três ou quatro vezes por mês, passe a ir uma só (ou nenhuma); fique em casa vendo televisão.

A inflação em dólar, espécie de dor de barriga da classe média, ocorreu também em países como a Ar-

gentina, nos primeiros tempos do Plano Cavallo, e custou mais de dois anos para passar. Entre nós, entretanto, talvez ela seja ainda mais grave e mais renitente por uma questão, digamos, psicológica ou cultural. Fomos *deseducados* por muito tempo. A indexação, que agora o governo quer enterrar de vez, fez de todos nós, pequenos burgueses, impávidos inflacionistas adoradores da correção monetária.

Quando os preços não sobem, ou custam a subir, seja qual for o lado do balcão em que estamos, nossa tendência é pensar que *alguém* está tomando prejuízo. As célebres leis do mercado, a própria lei da oferta e da procura, não foram certamente abolidas, entre nós, mas foram *distorcidas* não só na prática, mas sobretudo na cabeça de vendedores e compradores.

Há quem acredite que essa é uma maneira de pensar que vem das antigas práticas portuguesas de comércio e é, portanto, anterior a acontecimentos mais recentes. O falecido Eugênio Gudín gostava de contar a história de importadores lusitanos que, segundo seu amigo barão de Saavedra, “reputavam” os preços das mercadorias, dobravam o preço, simplesmente para explorar melhor a fraqueza do mercado. Preferiam vender menos por mais a vender mais por menos — como ainda hoje fazem os modernos oligopólios da indústria automobilística ditada nacional, do cimento e do resto.

Inflação é (também) educação, terreno no qual talvez tenhamos que apanhar muito, antes de chegar aonde queremos.

Haja paciência.